

BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT DR S.C.

TOMO XVI

Dezembro de 1975

Nº. 12

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Georg Traeger - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVI

DEZEMBRO DE 1975

Nº. 12

ASSUNTOS LAGUNENSES — III

DOM PEDRO I NA LAGUNA

OSWALDO R. CABRAL

Em 1826, andando mal os assuntos relativos à guerra que se travava no sul, Dom Pedro I, a 12 de novembro, anunciava o seu propósito de viajar para o Rio Grande, “para ver com os meus próprios olhos as necessidades do exército”.

Como se sabe, a Província Cisplatina fora incorporada ao Império em julho de 1821 — e teve, até, representação, como as demais Províncias existentes, na Assemblêia Constituinte de 1823 — mas, em 1825, sublevou-se contra o Império pretendendo anexar-se à Argentina, o que deu motivo à campanha entre as duas potências.

A sorte das armas mostrou, entretanto, alternativas que não agradavam e o Imperador sentiu a necessidade de ir, em pessoa, conhecer os motivos que prolongavam os dias da guerra e suprir o exército do que lhe estivesse faltando, para resolver o problema separatista.

Precedera-o na viagem o Marquês de Barbacena, que chegou ao Desterro nos começos de novembro, debaixo de um furioso vento sul — deste vento sul que tão bem conhecemos... — daqui escrevendo para a Corte que pretendia passar para o continente e, por terra, ganhar o Rio Grande. As notícias que recebera na Ilha, entretanto, não foram auspiciosas e — como registrou um historiador patricio, — “*a trancos e barrancos*”, aprestou-se a viagem do próprio Imperador, tendo Sua Majestade decidido viajar, embora se encontrasse enferma a Imperatriz, doença que vinha dando no Rio motivo a murmúrios muito graves respeito à deplorável situação a que chegara a vida conjugal de Suas Altezas Imperiais.

“Oficiais, soldados do 27º de Caçadores, do Corpo de lanceiros e avulsos recolheram-se a bordo de dez unidades navais, “reparadas a trouxe-

mouxe", sob as vistas de D. Pedro" — relata Alberto Rangel — e assim partiram do Rio, com destino a Santa Catarina, primeira escala da empreitada. Da comitiva imperial faziam parte o depois Visconde de São Leopoldo, seu Ministro do Império e o Almirante Manoel Antônio Farinha, Barão de Souza.

A 24 de novembro, à tarde, deixou a Guanabara a frota, composta de uma nau, uma fragata, uma corveta, uma escuna, quatro brigues e quatro brigues-escuna e, a 29, apesar do pampeiro que varria os mares sulinos, lançou ferros na enseada das Canasvieiras.

Da estada de Sua Majestade no Desterro já escreveram os nossos historiadores Almirante Henrique Boiteux e doutor Aujor Avila da Luz — e a 1º de dezembro, segundo documentos citados por Alberto Rangel, pertencentes ao Arquivo do Castelo D'Eu, reembarcou Dom Pedro às 4 horas da madrugada no Desterro, para alcançar Araçatuba às 8 e meia. Aí almoçou, isto é, fez o desjejum, a comitiva imperial que, às 11 e meia, rumou a cavalo para o sul, enquanto a esquadra, com a tropa, erguia as suas velas, com destino ao Rio Grande.

Às 15 e meia horas já estava o Imperador na Garopaba e uma hora depois na Armação das baleias, para pernoitar.

Saiu no dia seguinte -- 2 de dezembro -- dia em que o herdeiro do trono, que veio a ser Dom Pedro II, completava o seu primeiro ano de idade -- prosseguindo a cansativa viagem, tendo jantado, em hora próxima ao meio-dia, na Vila Nova. Às 16 horas, retornaram a jornada pela praia, vencendo a de Imbituba, a Grande (Itapirobã) e a do Gi, chegando a imperial caravana, finalmente, à Laguna, pelas *Ave-Maria*.

Infelizmente as crônicas da Laguna não guardaram memória da imperial visita, nem nos revela a tradição em que casa pernoitou Sua Majestade o Senhor Dom Pedro I -- o que é, sem dúvida alguma, de lastimar. Nessa mesma data, que aniversariava o filho, infelizmente, ficou assinalada pela ocorrência de um parto prematuro de Dona Leopoldina, nossa illustre primeira Imperatriz, ponto de partida para as consequências que a levaram desta vida dez dias após, pois faleceu a 11.

Madrugador, acordou cedo o Imperador, da Laguna pois a 3 levantou a ponto de ouvir missa na sua Matriz. Diz o diário da viagem -- "Saimos de casa às 6 horas, fomos ouvir Missa, e daí embarcar às 6 e meia (o Vigário apressou o seu latim, nessa Missa um tanto às carreiras...) na Barra".

De fato, quando lá chegou, já estavam a passar os cavalos — que atravessavam os passos dos rios e as barras a nado -- e enquanto os preparavam para a jornada, permaneceu a comitiva no porto, passando para o "lado de lá" somente às 7 e três quartos. Montou uma hora depois -- e rumou para o sul.

Chegou a Porto-Alegre na noite do dia 7, concluindo todo o percurso, desde Araçatuba, a cavalo, uma verdadeira maratona, tendo por única via a praia, pois outros caminhos não havia, que cortassem a mata.

Neste ano que se comemora o sesquicentenário do nascimento de Dom Pedro II e no próximo, que Laguna celebra o seu tricentenário,

vale recordar a passagem igualmente do sesquicentenário da visita de D. Pedro I que, por muito rápida que tenha sido a sua permanência, nem por isto furta à fundação de Brito Peixoto a honra de, com exceção da Capital, que recebeu a visita dos dois Imperadores, ser a única cidade de Santa Catarina que teve a oportunidade de agasalhar o fundador do Império que, como é natural e compreensível, nela ceiou, nela dormiu, descansando das fadigas de uma viagem "puxada", na sua Matriz resou e quiçá lembrou que o filho estivera de aniversário na véspera, na sua barra assistiu a beleza do amanhecer -- e depois... a esqueceu para sempre...

Vultos do Comércio do Desterro

Ernesto Stodieck Jor.

Pelos meados do século passado existia no Desterro, a nossa Florianópolis, uma casa comercial muito forte, sob a razão social "Bade & Wellmann". Os dois sócios eram alemães e além da casa comercial no Brasil, tinham outra, irmanada de alguma forma, em Hamburgo. A casa de Hamburgo fazia as compras nos mercados europeus, fretava navios (veleiros, mais tarde vapores) para transportes das mercadorias a Florianópolis, levando produtos da terra, exportado pela mesma firma, entre eles couro, tapioca e café, que, principalmente na França, era apreciado e conhecido como "café da Ilha".

As mercadorias importadas vinham em grandes lotes e a casa comerciava em larga escala, vendendo quase que exclusivamente em volumes fechados, somente ao comércio, e a base de conta corrente, não só em Santa Catarina, mas também nos Estados vizinhos. Possuía ela embarcações veleiras (iates) comandadas por mestres, exímios conhecedores da nossa costa. Para o interior o transporte era feito em carretas ou lombo de mula.

Os sócios Bade e Wellmann se revezavam ano por ano na administração das casas hamburguesa e desterrense. Isso com muito proveito, pois ambos assim se mantinham bem atualizados e se compreendiam perfeitamente, pelo menos no terreno comercial. Mas, "cherchez la femme"!, Wellmann era casado com mulher muito bonita e o casal não tinha filhos. Bade, solteiro, por ocasião da vinda de um navio fretado para Florianópolis, aproveitou a viagem para uma visita de confabulações comerciais com o sócio casado e que estava cumprindo o seu turno residencial no Brasil. Provavelmente a mulherzinha deste se considerava um tanto "desterrada" — e a vida de Hamburgo sem dúvida, oferecia atrativos outros — fato é que, ao zarpar do navio, com o solteiro a bordo, ele já não era mais tão solteirinho assim, porquanto a casada também "abrirá os panos" para uma viagem à Europa, no mesmo bojo, isso sem aviso prévio a quem de direito.

O marido ultrajado procurou e encontrou uma vingança um tanto estranha, mas talvez psicologicamente explicável. Ofereceu uma oportunidade a um pequeno comerciante varejista, estabelecido em uma daquelas baixas casas antigas, com telhas goivas, mais ou menos em frente à Alfândega. Tratava-se de Fernando Hackradt, que no período da fundação da Colônia do Dr. Blumenau, com este se desentendeu, mudando-se para Florianópolis. Wellmann, o sócio "ficado", simplesmente ofereceu a Hackradt os recursos financeiros para transformação da sua casa de varejo em grossista ou atacadista. Hackradt hesitou por julgar-se inexperiente, mas acabou cedendo quando Wellmann lhe prestou todos os ensinamentos necessários, inclusive lhe fazendo as encomendas de importação e estabelecendo as necessárias ligações. O novo atacadista se desenvolvia a ponto de necessitar um competente colaborador, mandando vir de Blumenau pessoa de suas relações, um colono alemão progressista que morava no bairro Garcia, onde já possuía uma serraria tocada com aproveitamento de desnível do ribeirão do mesmo nome. Este homem, Karl Hoepcke, deu grande impulso à casa comercial, tornando-se sócio e mais tarde proprietário da importantíssima empresa que hoje ainda tem o seu nome.

Karl Hoepcke teve muitos e bons colaboradores, entre os quais ressalta a figura de Carlos Leisner. Também é interessante a vinda deste senhor ao Brasil. As relações de Hackradt com Wellmann se transferiram a Carlos Hoepcke, e este pediu que aquele lhe conseguisse um moço capaz, inteligente e instruído em negócios de âmbito internacional. Wellmann enviou Carlos Leisner, pessoa de suas relações, isso no último lustro do século passado.

Quanto à firma Bade & Wellmann, ela teve sucessores, um dos quais foi Kirbach, posteriormente Vahl & Sallenthien e finalmente Ernesto Beck & Cia., que encerrou suas atividades depois da segunda guerra mundial, com todas as honras, porque os filhos haviam encontrado outros caminhos.

As informações em que o presente se baseia, foram prestadas há muitos anos, com detalhes, por Ernesto Stodieck, cujo filho mais velho teve confirmação plena por parte de Carlos Leisner e da Sra. Mary Mollenda, neta de Karl Hoepcke, sendo que esta senhora também disse ter tido ainda durante muitos anos, com sentimento de gratidão, em sua sala de jantar o retrato a óleo de Wellmann, o tal marido ultrajado que se vingara. Informou também a Sra. Mollenda, há alguns decênios, que nos antigos livros comerciais, então existentes constavam os lançamentos dos créditos concedidos por Wellmann.

Seria lamentável perderem-se reminiscências dessa natureza, mais ainda, os historiadores, se tiverem o auxílio dos velhos arquivos comerciais e livros de contabilidade da época, poderão encontrar informações e completar os vazios existentes.

O NOSSO DEVER

Cumprimos com o presente número, mais uma etapa de nossa jornada.

“BLUMENAU EM CADERNOS” entra com o próximo número, no seu décimo sétimo ano de existência.

Fundado pelo inesquecível historiador e homem de letras; José Ferreira da Silva, no ano de 1957, vem nestes longos anos cumprindo a sua missão.

Não é um mensário perfeito, muito há ainda que melhorar em sua parte gráfica e na publicação de matéria de interesse para os amantes da boa e instrutiva leitura.

José Ferreira da Silva na sua humildade, jamais pretendeu fazer uma obra perfeita. Lançou mão dos recursos disponíveis e manteve a revista enquanto o Criador lhe deu vida.

Coube a nós, com a morte do grande amigo, prosseguir nessa caminhada, certos de estarmos com o nosso trabalho, perpetuando a memória desse idealista, a quem Deus chamou de modo um tanto brusco.

Alentados pelos auxílios que nos vêm de pessoas amigas, de firmas que espontaneamente cooperam com o seu quinhão, para que viva esta publicação, somos forçados por um dever de gratidão, a prosseguir com as nossas fracas forças nesse caminho de dotar Blumenau de uma revista de cultura, que perpetue para o futuro, os nomes dos que fizeram a grandeza de nosso Estado, com o trabalho dignificante.

O número de assinantes vem aumentando gradativamente, sinal que a nossa publicação interessa aos amantes da boa leitura.

Firmas industriais e comerciais, espontaneamente, cooperam conosco, incentivando-nos a prosseguir neste trabalho.

Sugestões, palpites e opiniões, não nos tem faltado: sabemos que muito ainda há que se realizar. Tudo, porém, depende do auxílio financeiro, com que somos agraciados e só com este, nos é dado enriquecer as páginas de “BLUMENAU EM CADERNOS”, aumentando o número de páginas e a tiragem, que muitas vezes se esgota em poucos dias.

Agradecemos, verdadeiramente penhorados, o auxílio, que temos recebido de amigos, indústrias e comércio, sem este auxílio não nos seria possível existir. A todos, cumprimos o grato dever, de manifestar a nossa gratidão, almejando um ABENÇOADO NATAL, PRÓSPERO e FELIZ ANO NOVO DE 1976.

A DIREÇÃO

Figuras do Passado

"Os elogios justos são o perfume que se deixa de lado para embalsamar os mortos". Voltaire.

GIUSEPPE BAZZANELLA

Nascido em 1830 em Cembra, pequeno "paese" de Trento, na época pertencente ao Império Austro-Húngaro, GIUSEPPE BAZZANELLA era filho de Giuseppe e Lúcia Bazzanella. Fez parte da primeira leva de emigrantes que nos primeiros meses de 1876, se estabeleceu na então "Colônia S. Paulo", onde lhe foi destinado o lote nº 3, da linha colonial Ribeirão São Paulo, em Ascurra, lote esse contendo a área de 178.710 m², pelo qual pagou à Direção da Colônia Blumenau, a quantia de Rs..... 178\$710. Contava então 46 anos de idade e emigrara com sua esposa MADALENA, de 44 anos de idade e 4 filhos: Giuseppe, com 17 anos; Giacommo, com 16 anos; Lúcia, com 10 anos e Marianna, com 7 anos. Em Ascurra o casal teve mais dois filhos: Angelina, nascida em 13 de abril de 1877 e Ângelo, nascido em 29 de janeiro de 1879.

Giuseppe Bazzanella faleceu em 17 de março de 1906, com 76 anos de idade. Sua esposa Madalena, filha de Giacommo Cireza e Anna Maria Mattio, faleceu em 21 de agosto de 1938, com a propecta idade mais que centenária: 106 anos, repousando seus restos mortais no cemitério de Ascurra.

Dos cinco filhos do casal, o que mais se sobressaiu foi GIUSEPPE BAZZANELLA (Neto).—Nascido em Cembra, Trento, em 25 de novembro de 1859, contraiu matrimônio em 19 de agosto de 1881, em Ascurra, com Amábile Scos, filha de Filippo Giordano e Rosa Novarini, também naturais de Trento.

Estabeleceu-se no lote nº 2, na linha Tamanduá, onde o ca-



Os patriarcas Giuseppe e Madalena, pioneiros em Ascurra. Foto de 1870.

sal teve os seguintes filhos: 1) Júlio Bazzanella, nascido em 9 de fevereiro de 1883, casado com Clara Donath; 2) Rosália Bazzanella, nascida em 13 de novembro de 1884, casada com Ermembergo Pellizzetti, avós dos médicos Dr. Anatólio Guido Pellizzetti, Dr. Nodgi Eneas Pellizzetti, Dra. Berenice Pellizzetti e Dr. Décio Miragaia Finardi; 3) Júlia Bazzanella, nascida em 24 de abril de 1887, casada com Leonardo Pretti, avós do Dr. Fúlvio Pretti, MM. Juiz de Direito da Comarca de Gaspar; 4) Giudita Bazzanella, nascida em 10 de dezembro de 1890, casada com Carlo Finardi; 5) Matilde Bazzanella, nascida em 1891, casada com Giuseppe Vizentini; 6) Arcângelo Bazzanella, nascido em 21 de agosto de 1894, casado com Joana Largura, pais do Dr. Waldemiro Bazzanella; 7; Anunciata Bazzanella, nascida em 1896, casada com Helmuth Buggmann) 8) Amália Bazzanella, nascida em 13 de outubro de 1898, casada com Luiz Dorigatti, residentes em Blumenau e, finalmente, 9) Ema Bazzanella, nascida em 6 de janeiro de 1902, casada com José Dorigatti, residentes no Balneário Camboriú.

2) A filha Lúcia Bazzanella nascida em 27 de outubro de 1865, e falecida em 1º de janeiro de 1954, casou em 14 de agosto de 1881, com Luigi Marcarini, natural de Isano, Itália, onde nasceu em 18 de novembro de 1859, sendo filho de Angelo Marcarini e Luigia Cia, tendo falecido em Ascurra em 1941, com 82 anos de idade.

3) -- Giácomo Bazzanella, sempre residiu no lote nº 3, do Ribeirão São Paulo, tendo falecido solteiro, com avançada idade.

4) -- Marianna Bazzanella, era casada com Cirilo Vetori;

5) -- Angelina Bazzanella era casada com Vittorio Schiochet e, finalmente,

6) -- Angelo Bazzanella era casado com Virginia Moretto, nascida em 10 de março de 1881, irmã de Pietro Moretto, professor de primeiras letras em Ascurra.

GIUSEPPE BAZZANELLA (neto) -- sogro que era de Ermembergo Pellizzetti, foi seu colaborador em diversas iniciativas de grande alcance para Ascurra, destacando-se a fundação, em 1905, da Sociedade



Giuseppe Bazzanella (neto) Foto de
1 - 1 - 1931

Cooperativa Ascurra, da qual foi gerente durante vários anos; a construção da Escola "Dante Alighieri", em 1908, e nesse mesmo ano, a ponte dos arcos sobre o Ribeirão São Paulo, atualmente em desuso, por ele construída sob a administração do Superintendente de Blumenau Alwin Schrader e outros mais.

Em 1913, com a mudança de Ermembergo Pellizzetti para Rio do Sul, Giuseppe Bazzanella seguiu-o com toda a família, falecendo nessa cidade em 25 de abril de 1935, com 75 anos de idade.

Exposição de Fotografias Antigas

Organizada pela Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal, alcançou grande sucesso a 1ª Exposição de Fotografias Antigas, realizada em princípios de novembro no saguão do Mausoléu.

Houve distribuição de prêmios aos vencedores e a exposição despertou grande interesse, sendo muito visitada.

No próximo ano, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" irá participar com fotos de seu arquivo, embora não concorra a prêmios.



RECENTEMENTE EDITADA:

HISTÓRIA DE RIO DOS CEDROS

de 1875 a 1975

De autoria do Pe. Victor Vicenzi — 150 páginas fartamente ilustradas — Cr\$ 30,00. Pedidos a

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Caixa Postal, 425 — 89.100 - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrazado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

As Enchentes no Vale do Itajaí

A. SEIXAS NETTO

O autor, jornalista profissional, tem escrito mais dum milhar de artigos científicos sobre Meteorologia e Astronomia. Dedicou-se a assuntos da Atmosfera, fazendo, por métodos especiais, por mais de vinte anos, previsão do tempo meteorológico para diversas áreas de atividade humana em Santa Catarina. É membro de diversas entidades científicas brasileiras e estrangeiras, destacando-se: Academia Catarinense de Letras; Accademia delle Scienze, de Roma; Accademia Teatina per le Scienze, Pescara; Istituto di Scienze Astronomiche e Cosmologiche, Libera Università Degli Studi "Leonardo da Vinci", Palermo; Istituto di Studi e Ricerche di Paleontologia ed Archeologia, Palermo. Tem, igualmente, trabalhos poéticos.

I

O historiador de Blumenau, — e do Vale do Itajaí —, Prof. José Ferreira da Silva (1), levantou, cuidadosamente, as grandes enchentes do Rio Itajaí ou, melhor, na Bacia do Itajaí, ocorridas desde o ano de 1851, publicando um registro histórico desde essa data até 1973. O trabalho do historiador abrangeu, pois, 122 anos completos. Dado o alto interesse do assunto, tomamos, daí para frente, o encargo de apreciar o assunto desde o ponto de vista geometeorológico (2) e geoecológico (3), diferente, portanto, daquele histórico, muito embora sua sequência.

II

Antes de prosseguir o Ensaio, convém registrar as enchentes até este ano de 1975.

MARÇO — 1974 — Dias 21 a 24. Grande Temporal em todo o Estado de Santa Catarina, provocando catástrofe em Tubarão e grande cheia do Rio Itajaí, em Blumenau.

JULHO — 1974 — Dias 22 e 23. Intenso Temporal no Vale do Itajaí e grande cheia em Blumenau.

OUTUBRO — 1975 — Dias 1 a 4. Intensas chuvas provocam Cheia em todo o Vale do Itajaí, com limites máximos do Rio até 16,10 metros.

Deve ser anotado que durante o mês de setembro de 1975 o Rio Itajaí sofreu duas elevações de pequena monta, simplesmente ocorrendo pequenos desbordamentos na cidade de Blumenau.

III

Feito o registro preliminar, passemos a apreciar o problema das Cheias da Bacia do Itajaí conforme os pontos de vista indicado no tópico I.

O Vale do Itajaí é a maior Vala de inundação do Sul brasileiro e tem, atualmente, como escoadouro central o Rio Itajaí-Açu, que coleta água de toda a rede hidrológica contornada pela Serra do Tijucas, ao Sul, seguindo-se a Serra dos Faxinais, o Chapadão dos Bugres; Serra Geral, a Oeste; Serra de Jaraguá ao Norte. E, ainda, os "divortium acquario" que interligam os pontos principais deste anel orográfico. (Em tempos muito longínquos, este anel orográfico era a orla de extensa baía, hoje Várzea de Inundação e futuramente terra fixada).

O Rio Itajaí-Açu, como ponto de partida de grande coletor de águas, nasce efetivamente dentro do polígono de coordenadas

27° 15' a 27° 30' Sul

49° 45' a 50° 00' Oeste

onde geograficamente se situam os Municípios de AGROLÂNDIA e TROMBUDO CENTRAL. Seus formadores são: No Município de AGROLÂNDIA os Ribeirões das PEDRAS, NOVO e PITANGUEIRA; no Município de TROMBUDO CENTRAL os Ribeirões do BOI, VITÓRIO, BRAÇO NOVO e CONCÓRDIA.

Assim, nasce, pois, nas encostas da Serra Geral, de pequenos manadouros que escoam para os Ribeirões indicados. O seu curso engrossa e avoluma por concessão de água de numerosa teia de manadouros formantes de rios — afluentes principais.

O Rio Itajaí-Açu, desde o polígono do seu nascedouro, recebe água de 54 formadores, não se contando aí os grandes Rios-afluentes, assim dispostos:

1º — Do seu nascedouro, até receber o Rio Itajaí do Norte ou Rio Hercílio, (grande afluente), que passa por dentro da cidade de Ibirama, pela margem norte, — não contando os formadores iniciais esgalhados em 10 braços —, o Rio Itajaí-Açu, a partir da cidade de Trombudo Central, 7 desaguadores; pela margem sul: 8.

2º — Do Rio Hercílio até o Benedito (grande afluente)

em Indaial, recebe pela margem norte 9 desaguadouros e pela margem sul 6.

3º — Do Rio Benedito até o Oceano Atlântico, onde desagua: Na margem norte 13 formadores e na margem sul 11. Neste número da margem sul está indicado o Rio Itajaí-mirim, que desagua pouco a oeste da Cidade de Itajaí e que corre em Bacia particular entre as Serras de Tijucas e Itajaí.

Cada um desses pequenos rios formadores recebe ainda pequenos cursos de manadouros que se formam em riachos e pequenos ribeirões. (O Rio Itajaí-mirim será descrito como Rio-afluente).

Vemos, pois, que o Rio Itajaí-Açu é suprido em água por 54 Rios e Ribeirões, afora os 10 manadouros iniciais no Polígono indicado e dos Grandes Rios Afluentes. O Rio Itajaí-Açu, deste modo, como via principal da Vala de Inundação, situado em todo o curso quasi ao nível do mar (médio) pode ser qualificado como a calha hidológica da Bacia de Rios formados na Várzea de inundação contida entre o Oceano Atlântico e o anel de serras já descrito.

IV

Dos grandes Afluentes, temos os Rios Hercílio, Benedito e Itajaí-mirim. O Rio Benedito recebe água dos seguintes formadores mais importantes assim distribuídos: Pela margem oeste, 14 formadores, sendo que cada um deles têm mais de 4 manadouros secundários. Pela margem leste: 10 formadores (sendo que o afluente que passa pelas cidades de Rio dos Cedros e Timbó tem seu nascedouro na Serra de Jaraguá e mais de 20 importantes manadouros). Os manadouros de origem do Rio Benedito são os Rios Palmitos e São João do Campo.

O Rio Hercílio, ou Itajaí do Norte, tem seu nascedouro no polígono de coordenadas

49º 50' a 50º 5' Oeste

26º 25' a 26º 35' Sul

e seus nascedouros de origem são os rios Dr. Costa Carvalho (próximo de Itaió), Rio da Serra, Rio do Reduto, Rio do Couro e Rio das Pombas. Seus formadores pelo lado oeste são 12 e pelo lado leste 15 rios e ribeirões. (Os afluentes oeste rios Taiosinho, Denek, Dolmann e Rio dos Índios têm mais de 5 formadores cada um; pelo lado leste, os Rios Bispo, Wiegand e o Rafael, possuem mais de 4 formadores cada um.

O Rio Itajaí-mirim nasce na Serra do Faxinal e tem 20 manadouros importantes pela margem norte e 21 pela margem sul. Este rio só influencia a Bacia Geral do Itajaí-Açu no seu desaguadouro a poucos quilômetros da cidade de Itajaí.

V

Deste modo, vemos que a Bacia do Itajaí compõe-se de 166 rios de médio e pequeno porte que desaguam e avolumam o leito central da Várzea de inundação ou o Rio Itajaí-Açu. Se a estes 166 canais apreciáveis juntarmos mais de 400 pequenos manadouros formando riachos esgalhos a ribeirões principais da rede, teremos quasi 600 vertentes despejando água no grande rio. É, portanto, a mais notável rede hidrológica no sul do Brasil, nas condições topo-geográficas inusitadas como a constante dentro do Anel da Várzea de Inundação.

VI

As enchentes dos Rios são um geometeoro muito notável e até hoje, pelo menos na ciência oficial, como se costuma chamar a Ciência regular e aceita, pouco ou nada conhecido. Porque enchem abruptamente os Rios? Pouca gente o sabe, muito embora cada pessoa tenha a sua teoria particular e a ciência umas doutrinas gerais. O fato real ainda é mistério para a maioria. Mas a realidade é que as cheias dos Rios podem ser calculadas e até tabuladas e previstas com aproximada perfeição, como as Marés oceânicas. E podem ser equacionadas. Mas isto é assunto que tratamos em linhas no Ensaio GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA (4) e temos analisada nos apontamentos de Teoria Geometeorológicas dos Rios ainda em simples rascunhos.

VII

Em 122 anos, ou melhor, contando até 1975, 124 anos, o Rio Itajaí-Açu sofreu 68 enchentes notáveis, com, pelo menos 30 cheias catastróficas. A média é, pois de 1 enchente apreciável de 2 em 2 anos. Mas este valor não representa ciclo; representa, simplesmente, período incidente estatístico. Muitos pretendem associar o mecanismo das enchentes a ciclo de 11 anos, o que não é verdade; quando muito, por mera coincidência, pode encontrar-se cheias a essas distância temporais. Os mais simplistas associam-nas à Lua Nova, partindo da lógica folclórica nos ditados populares: "Lua Nova de Setembro tro-

vejada sete luas são molhadas". Mas a verdade é que essa observação empírica sintetizada no refrão tem outro significado que expuzemos já num pequeno trabalho titulado DITADOS METEOROLÓGICOS ou os REFRÕES DO TEMPO.

VIII

Deixando de lado, portanto, a parte, para nós científica, exporemos os fatores gerais decorrentes de três parâmetros notabilíssimos. Convém, de primeiro, anotar que tem sido dito que as Cheias decorrem de desmatamentos das margens; é um erro geral de perspectiva astrofísica. Em realidade, as grandes florestas contribuem, à ocasião, com grande parcela para as enchentes de rios. Daí que vamos apreciar o problema mais profundamente até onde o nosso conhecimento possa levar, fruto de muitos anos de estudos atmosféricos e astrofísicos particulares. É, pois, o Ensaio, uma simples contribuição que pode ser aceite ou não, dependendo da soma de percepção de cada leitor. Não pretendemos aqui qualquer tipo de verdade total.

IX

Cada Bacia de Rio, — bacia hidrológica —, tem o seu mecanismo particular de enchentes, não havendo, em realidade, duas bacias com o mesmo comportamento isto porque na superfície do Planeta não existem duas áreas geológicas perfeitamente iguais, exatamente idênticas nos componentes geocológicos atmosféricos (5).

Assim, o exemplo ocorrente numa Bacia não é válido para outra.

Santa Catarina, segundo a nossa disposição geometeorológica possui 5 grandes climas regionais e também 5 grandes Bacias Hidrológicas. Todos os 5 Climas Regionais oferecem comportamentos geometeorológicos diferentes; todas as 5 Bacias Hidrológicas oferecem comportamento diferentes. Daí que qualquer comparação queda inútil. Estamos, neste Ensaio, tratando da Bacia do Vale do Itajaí e, portanto, também do Clima Regional do Vale do Itajaí. O Vale do Itajaí, como Várzea de inundação, afora as montanhas circundantes e os componentes intermediários, com superfície decorrente de processo de aluvionamento por milênios, não paira ainda a mais de 25 metros acima do nível do mar (média geral), mas há lugares ainda com menos altura. Como se vê, portanto, são terras baixas, úmidas, húmidas e férteis. Paira toda a rede hidrológica do

Vale sobre um berço talássico com grande mobilidade ainda. E não é difícil a pesquisadores geológicos dedicados, — de preferência são dedicados os tão raros já *pesquisadores domingueiros* —, encontrarem por todo o leito da rede hidrológica restos marinhos oceânicos, até o encosto da Serra Geral. Assim, toda a rede é, em verdade, manadouro de mar antigo, já hoje totalmente desalinizado pela lavagem continuada dos aluviões progressivos. Acentada assim, a rede hidrológica tem os comportamento latentes primitivos dentro da sua formação freática. Por isto, não estão bem certos os que dizem que o desmatamento dessa superfície seja causador das cheias, como também não andavam muito certos os que antigamente culpavam as densas florestas ali existentes como provocadoras do geometeoro.

X

Do ponto de vista geometeorológico, — (e também os demais meteorologistas devem saber) —, o Vale é o Clima Regional mais quente do Estado, podendo, no Verão, ocorrer temperaturas médias à máxima insolação de 60º com a média à sombra de 40º podendo os limites, a certos momentos exceder estes valores. Este é, no meu entender, um meio térmico decorrente do esquentamento do vapor d'água ascensional constante no Vale; este esquentamento e a aceleração das moléculas de gases componentes da Baixa Atmosfera, tornam, também, aquele Clima de alta fricção elétrica, sendo o mais sensível às formações de Nuvens do Tipo Cúmulos — Nimbus e portanto sensível às trovoadas e descargas elétricas, — (Raios e Relâmpagos, — Ver GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA) —, mostrando claramente um sub-solo aquoso.

XI

Os grandes ejetores de água, provocadores de Cheias no coletor geral (Itajaí-Açu), são efetivamente o Rio Hercílio, o Benedito, e a parte superior do Itajaí-açu, pelas suas centenas de manadouros. Assim como não se pode impedir um poço, em lugar propício, de encher e transbordar, também não se pode de modo algum impedir que esses manadouros despejem grandes volumes de água em determinados momentos astrofísicos. Mas o mecanismo das Cheias, afora, é certo, a parte previsonal, será, certamente, o que se exporá. E é muito certo que esta interpretação será criticada e até mesmo negada, o que é importante para gerar ulteriores estudos.

XII

Como a Várzea de Inundação ainda sofre influência da Maré Oceânica um incremento na equação das Marés, para compensar o retardamento, oferece os dados básicos para o Estabelecimento do Regime de Cheia. Para que ocorra enchente na vala geral da Bacia são necessários vários componentes a mais. É necessário que haja em movimento sobre a área grande e lenta massa de ar antártico, cobertura a menos de 300 metros do teto nuboso, ar saturado de umidade a mais de 100^o/_o, — (chuvas finas e continuadas por mais de 60 horas) —, e concordância com parametros astronômicos. As chuvas finas permitem o aumento de capilaridade ascencional na rede hidrológica, fazendo com que os manadouros multipliquem a emissão normal. As cheias nessa Bacia deverão ocorrer sempre entre 3 dias antes e após do Apogeu lunar e 20 dias precedendo até 20 dias após os pontos equinociais e solsticiais. (O fator de Plenilúnio ou novilúnio coincidente no período deve ser anotado, estando a Lua declinada ao Sul). Considerando isto, as elevações da Bacia devem ocorrer com maior amplitude nos meses

Fevereiro (fins)-março-abril

Junho (fins)-julho-agosto

Setembro (fins)-outubro

Novembro (fins)-dezembro-janeiro

Deste modo, durante o ano podem ocorrer quatro pequenas cheias, sem maior importância e em períodos de 2, 4 e 13 anos médios grandes Cheias. Os cálculos desses valores são relativamente fáceis.

XIII

O mundo parece mover-se, na área humana, por manias. A mania atual é a ecologia, mas estranhamente ligada à árvore, à floresta. Os demais inúmeros fatores de ordem da Natureza Planetária são desprezados. Mas por isto mesmo cabe uma pergunta: — Será possível minorar as elevações da Bacia? Só há um: Desflorestamento ou pequena desertificação dos manadouros iniciais para permitir um processo de encrostamento do sub-solo. Mas isto, certamente, modificará o campo-atmosférico baixo provocando a diminuição do calor atmosférico, anemizando o clima. Mas o processo deverá seguir algumas regras determinadas que, para não alongar, deixamos de expor.

XIV

Certa ocasião, talvez por curiosidade, me perguntaram se barragens no Vale resolveria as cheias. Respondi que não; que simplesmente modificaria o regime de Cheias Naturais por Derramamentos Artificiais por transbordamentos.

XV

Se apreciarmos o quadro das Enchentes do Vale, desde a primeira anotada, em 1852 pelo Dr. Blumenau, veremos a razão da nossa exposição, bem como os parametros que concluímos, de ordem geometeoro e astronômica, que, efetivamente, de modo vário, regem as bacias hidrológicas em todo o Planeta.

<u>Ano</u>	<u>Dias/Meses</u>	<u>Altura média</u>	<u>Amplitude</u>	<u>Período</u>
1852	20-31 Outubro	15.60 m	Grande Cheia	
1855	17-19 Novembro	13,00 m	" "	
1862	fins Setem-Outub	9,00 m	Média "	
1864	início Setembro	13,00 m	Grande "	2 anos
1868	Julho	7,00 m	Pequena "	4 anos
1868	27/28 Novembro	9.00 m	Média "	4 anos
1869	20/21/22 Junho	+11,00 m	" "	8 anos
1870	11 Outubro	10,00 m	" "	13 anos
1871	Setembro	*	Pequena "	2 ancs
1875	*	*	Grande "	4 anos (1)
1880	22/26 Setembro	*	" "	+ 8 anos
1885	19 Abril	7,00 m	Pequena "	4 anos
1886	novembro	*	" "	+ 2 anos
1888	2 Junho	5,00 m	" "	2 anos
1888	30 Outubro	5,00 m	" "	2 anos (R)
Acum. (1889	26 Abril	*	" "	1 ano
(1889	10 Maio	*	Grande "	13 anos
1891	18 Junho	*	Pequena "	2 anos
1898	30 Abril - 1 Maio	12,00 m	Grande "	+ 8 anos
1898	24/25 Dezembro	11,00 m	" "	13 anos
1900	fins de Maio	*	Média "	2 anos
1905	19 Outubro	*	Pequena "	+ 4 anos
1907	3/4/5 Setembro	*	Média "	2 anos
1911	1/2 Fevereiro	*	" "	4 anos
1911	28 Outubro	9,56 m	" "	4 anos
1923	20/21 Junho	16,70 m	Grande "	13 anos
1925	12/13 Maio	*	Média "	2 anos
1926	14 Janeiro	*	Pequena "	1 ano
1926	última sem. Setembro	*	Média "	+ 2 anos
1927	6 Novembro	12,40 m	Grande "	4 anos
1928	últimos dias Maio	8,20 m	Média "	2 anos
1928	meados Agosto	9,20 m	" "	2 anos
1928	16/17 Setembro	10,00 m	" "	4 anos

1929	16 Outubro	8,00 m	Pequena	Cheia	4 anos
1930	Fevereiro	6,70 m	"	"	1 ano
1931	1/3 Abril	10,90 m	Grande	"	4 anos
1931	13/15 Setembro	10,65 m	"	"	8 anos
1931	16/17 Novembro	10,90 m	"	"	8 anos
1932	24/25 Maio	9,10 m	Média	"	8 anos
1933	4 Outubro	11,30 m	Grande	"	4 anos
1935	23/24 Setembro	10,50 m	"	"	4 e 13 anos *
1935	2 Outubro	9,20 m	Média	"	2 anos
1936	4/5 Agosto	9,40 m	"	"	4 anos
1939	24/25 Novembro	10,80 m	Grande	"	13 anos
1943	1/3 Agosto	9,85 m	Média	"	4 anos
1946	1 Fevereiro	8,80 m	"	"	4 anos
1948	16/17 Maio	11,46 m	Grande	"	13 anos
1950	17 Outubro	8,80 m	Média	"	2 anos
1953	31 Outubro	9,00 m	"	"	8 anos
1954	18 Maio	9,81 m	"	"	4 anos
1954	22 Setembro	11,88 m	Grande	"	8 anos
1955	19/20 Maio	10,60 m	"	"	13 anos
1957	17/24 Julho	12,60 m	"	"	4 anos
1957	15/18 Agosto	12,42 m	"	"	4 anos
1960	Agosto	7,50 m	Pequena	"	1 ano
1961	12/16 Setembro	9,80 m	Média	"	4 anos
1961	31 Out. 1 Nov.	11,88 m	Grande	"	13 anos
1962	9 Setembro	8,64 m	Média	"	4 anos
1963	9 Setembro	9,00 m	"	"	8 anos
1966	Fevereiro	9,49 m	"	"	4 anos
1967	18 Fevereiro	10,20 m	Grande	"	13 anos
1969	5 Abril	9,49 m	Média	"	2 anos
1971	8/9 Junho	9,70 m	"	"	4 anos
Acum. (1972	16/18 Agosto	10,40 m	Grande	"	13 anos
(1972	30 Agosto	10,67 m	"	"	13 anos
1973	25 Junho	10,65 m	"	"	13 anos
1973	3 Julho	8,70 m	Média	"	2 anos
1973	29 Agosto	11,84 m	Grande	"	8 anos
1974	21/24 Março	*	"	"	13 anos
1974	22/23 Julho	*	"	"	13 anos
1975	1/4 Outubro	*	Grande	Cheia	2 anos

(1) — Essa Cheia foi descrita pelo autor marinista Vergilio Varzea

R — Ocorrências mínimas

Acum. Duas incidências de Cheias acumuladas, correspondendo no total a um só fenômeno.

Se fizermos um estudo em minúcia, veremos que os valores do quadro acima, em tempo, correspondem a valores Geoclimáticos e Astrofísico-Astronômicos já citados. Pena é que de muitos dados não haja medidas exatas de altura de nível e mesmo as próprias medidas são para locais diversos do leito da Vala central.

XVI

Uma cousa muito importante, quando se precisa sentir, ver, apreciar a ação da Natureza planetária, em qualquer dos seus componentes, é a exatidão de análise do comportamento. Assim, no respeitante às Cheias na Várzea de inundação do Rio Itajaí, os elementos geometeorológicos, realizados os registros pelos instrumentos convencionais, são imprecisos e até mesmo vagos. Deste modo não temos os valores de Pressão Atmosférica, as Temperaturas, as Umidades e a quantidade de Precipitação, durante o desenvolvimento da Enchente. As medidas higrométricas máximas são de pontos que, se servem de registro local, pouco importam a uma visão ampla. Deste modo, qualquer medida de Precipitações (Chuvas) não corresponde à realidade, como igualmente não corresponde a um coeficiente totalmente válido para a área os máximos higrométricos esparsos. Para um estudo completo e de profundidade científica há que elaborar registros conforme as determinações geometeorológicas. Os passos fundamentais, conforme nosso modo, seriam: Elaborar o perfil da Vala do Itajaí-Açu em relação ao nível médio do mar; elaborar o perfil hipsométrico da Vala; determinar a curva, em graus de arco, ou tamanho do arco geográfico do Rio para acertar as concordâncias de cálculo astrofísico; medir a amplitude da onda-máxima lunar do Oceano em relação à rede hidrológica, bem como a altura máxima dessa onda à passagem da Lua Pleniluar ou Novilunar ao meridiano médio da área da Bacia; a variação da onda freática nos mesmos momentos. (Alguns desses elementos constam dos nossos apontamentos e anotações, mas incompletos). Este seria o trabalho inicial para determinar os comportamento da Várzea de Inundação. (Estamos vagorosamente elaborando os mesmos estudos para as demais Bacias Hidrológicas do Estado, porque o assunto talvez só interesse ao autor e não seja bem dentro dos cânones da Ciência atualmente aceita).

XVII

As Chuvas, como foi dito atrás, não produzem, em última análise as Cheias, porque as quantidades precipitadas são sempre irregulares, de local para local dentro da mesma área; quando muito aumentam a velocidade de ejeção dos manadouros e quanto mais diluída e persistente é a precipitação mais ativos se tornam os manadouros porque tornam as superfícies terrenas mais sensíveis à capilaridade do freático. Chuvas compactas,

que são de tempo reduzido nem sequer produzem grande penetração, apesar do volume. (Ver sobre o assunto nosso estudo GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA, nestes CADERNOS). Temos um sistema de calcular volume d'água em vapor, precipitável em chuva, dentro dum Cúmulus-Nimbus e isto seria também possível transferir para uma frente de chuva de progressão polar a alta pressão atmosférica.

XVIII

As Florestas injetam na Atmosféra grande quantidade de vapor de água, passível de se precipitar em chuva, mas o *momentum* dessa precipitação dificilmente é local, devido às Pressões Atmosféricas que geram corrente aéreas. Logo, com floresta ou sem floresta, as Cheias numa Bacia desse tipo ocorrem devido aos fatores expostos. Como este ensaio é de linhas gerais somos para um possível minoramento dos efeitos de Cheias pela *desertificação* dos manadouros iniciais, tornando o solo mais resistente às manações provocadas pelos mecanismos referidos. Mas essa *desertificação* teria que seguir cuidadosos parametros.

XIX

Assim, em Ensaio panorâmico, as Cheias no Vale do Itajaí-Açu, cujas indicações não devem ser somente combatidas, se for o caso, mas detidamente analisadas e estudadas, apesar disto. Em trabalho outro, estudaremos sob o ponto de vista adotado O CLIMA DO VALE DO ITAJAÍ.

-
- (1) — Historiador, falecido em 30 de dezembro de 1973. Deixou enorme trabalho bibliográfico sobre o Vale e biográfico sobre o fundador da Cidade de Blumenau.
 - (2) — Ver a parte correspondente no Ensaio Geoecológico publicado nos Cadernos de Blumenau, do Autor.
 - (3) — Idem.
 - (4) — Publicado nos CADERNOS DE BLUMENAU durante o ano de 1975.
 - (5) — Ver no Capítulo dos Geometeoros no trabalho citado.
-

UM PRESENTE DE NATAL

Nestes tempos difíceis, muita gente não sabe como presentear a um amigo ou parente. Sugerimos: faça uma assinatura de BLUMENAU EM CADERNOS em nome de seu amigo ou parente. A satisfação será plena pois, durante 12 meses, seu nome será lembrado. Por somente Cr\$ 25,00 o beneficiado receberá 12 Cadernos com vasta matéria.



Aspectos da Economia Catarinense Nos Séculos XVIII e XIX

Rosemari Pozzi Eduardo Griggs

(Continuação do número anterior)

Até o final do século XIX não se tem notícia da exploração madeireira no planalto. Esta só começou com a expansão da colonização européia do Rio Grande do Sul pelo centro-oeste do território catarinense, a partir do começo deste século.

Mas a madeira era utilizada pelo homem do planalto e quem relatou muito bem isto foi Avé-Lallement:

“Aqui encontrei a completa compreensão do planalto catarinense. A construção interior da casa era genuinamente nacional, de madeira de araucária. Soalho, portas, paredes, teto, mesas, banco, tudo, asseado e variadamente ornado, feito táboas e traves de pinho” 37.

A exploração madeireira foi mais acentuada com a chegada dos imigrantes alemães e italianos nos Vales do Itajaí, Cachoeira, Tijucas, Tubarão e Araranguá. A abundância de madeira de lei, na região litorânea e a necessidade de desmatamento para a lavoura, proporcionaram a devastação florestal que se processou nesta área. Os imigrantes ao se instalarem nas terras, logo estabeleceram grande número de serrarias, aproveitando os rios para o transporte, e as cachoeiras e quedas d'água para mover as serras nas diversas colônias fundadas a partir de 1850. Isto ocorreu principalmente no Vale do Itajaí, onde a madeira era transportada em toras, pelo rio, até o porto de Itajaí. No entanto, a primeira grande serraria instalada em Santa Catarina, foi em Joinville, ex-Colônia D. Francisca. A esta serraria, se referiu Carlos Ficker.

“A estrada da Serra passava a poucos metros da Serraria e a madeira era transportada em lombo de burro, e mais tarde puxada por bois, para a Colônia, ficando depositada à beira do Rio Cachoeira, para ser embarcada em lanchas com destino à São Francisco. Os anos de 1862 e 63 mostram um índice cada vez mais crescente da exportação de madeira de lei para o Rio de Janeiro, Porto Alegre e até Montevidéu 38.

Continuando, relatou que a serraria produzia táboas, pranchas, vigas e ripas, e que, em 1863, havia sido construída uma casa de engenho com nova maquinária e serra horizontal, movida por meio d'água e que

← — Flagrante fantástico do quase lendário Martinho Marcelino de Jesus — conhecido por “Martinho Bugreiro” — (o que está em cima da pedra) — o mais célebre exterminador de bugres que se conhece, ao lado de seu lugartenente Belarmino Luciano, natural de Apiúna e mais seus 13 companheiros de caçadas selvícolas. Foto (ao lado) tirada em 1903, após o massacre praticado pelos índios contra a Família Francesco Schiochet, na serra de Guaricanas, em Ascurra. Nessa ocasião Martinho Bugreiro e seus companheiros fizeram uma “limpeza” na região, como o demonstram os arcos e flechas apreendidos, representando cada arco um índio abatido.

para fazer isto, foi necessário desviar o curso do rio da Prata, através da construção de um canal e um dique. Esta serraria contava com um comerciante que fretava os patachos e iates para o transporte marítimo de São Francisco, aos mercados consumidores 39.

Esta serraria parece ter sido a primeira indústria catarinense com características de empresa, pelo seu porte, sua tecnologia e sua organização. A sua instalação data de 1856.

Quando se afirma que a desmatção das florestas foi praticada pelo imigrante, ressalva-se que embora o elemento alemão tenha dedicado-se também à esta atividade, não o fez descontroladamente como o italiano. Através de diversos relatos, é possível notar que quão desmatador foi o italiano. A colônia Nova Itália era constituída na sua maioria por imigrantes sardos, que se dedicavam à extração da madeira, servindo-se do rio como meio de transporte até o porto de Tijucas, pouco se dedicando à lavoura 40. Outros relatos poderão tornar esta afirmação mais consistente 41.

Em 1887, a exportação das ex-colônias de Itajaí, Príncipe D. Pedro, Blumenau, Gaspar e Brusque, foi a seguinte 42:

PRODUTOS	VALOR
madeiras - - - - -	284:602\$
manteiga - - - - -	78:969\$
banha - - - - -	68:129\$
açúcar - - - - -	40:634\$
arroz - - - - -	31:156
farinha de mandioca - - - - -	23:174\$
charutos - - - - -	13:396\$
total - - - - -	584:844\$

Entre as madeiras estão incluídas costadinho, costado, dormentes, forro, pernas de serra, pranchões, ripas, e táboa, soalho, toros de cedro, vigas, paus de prumo. Observe-se que só a madeira exportada por aquelas ex-colônias apresentou um valor quase igual ao total dos outros produtos, portanto, quase que metade da exportação total.

No ano de 1892, a madeira chegou a predominar na pauta das exportações, segundo os dados abaixo 43.

PRODUTOS	VALOR
madeiras - - - - -	714:293\$400
café chumbado - - - - -	650:314\$100
erva-mate - - - - -	621:190\$890
farinha de mandioca - - - - -	609:898\$910
manteiga - - - - -	295:991\$760

Neste período que assinala o final do século XIX e no período seguinte, compreendendo este os primeiros 30 anos deste século, a madeira constituiu um dos cinco produtos básicos da economia catarinense, mostrando que o imigrante diversificou a produção e que embora produzisse a farinha de mandioca produto açoriano — desenvolveu outros tipos de pro-

dução, qual seja, a madeira, a banha, a manteiga, açúcar, o arroz, e outros produtos industrializados, entre os quais os tecidos.

III — ASPECTOS DA MADEIRA NA ECONOMIA CATARINENSE DOS PRIMEIROS 30 ANOS DO SÉCULO XX

Neste período completou-se o quadro da economia catarinense com a integração da região do Contestado (1916), e a ocupação da região centro-oeste pelos descendentes dos imigrantes alemães e italianos, estabelecidos anteriormente no Rio Grande do Sul. Esta ocupação desenvolveu a agro-pecuária baseada na cultura do milho e na criação de porcos, o que resultou na agro-indústria, próspera nesta região. Ao lado dessas atividades desenvolveu-se também a extração e beneficiamento da madeira, abundante na área ocupada.

Nestes 30 anos prevaleceu na economia catarinense a mesma característica do final do século XIX, qual seja, a inexistência de um produto básico na pauta das exportações, e sim a presença de uma série de produtos que juntos sustentavam a economia do Estado. Além do mate, da manteiga, da banha, da madeira, da farinha de mandioca, os tecidos vieram contribuir para as exportações do Estado. Os tecidos, que já vinham sendo produzidos desde o final do século XIX, começaram a ter representatividade a partir da 1^a. Guerra Mundial e, segundo o gráfico 1, é perceptível que este produto permaneceu lado a lado com a madeira e o mate, contribuindo os três produtos para delinear a curva da exportação total de Santa Catarina. Afora os produtos mencionados, foram exportados também o açúcar, o feijão, o arroz, o café, frutas, o fumo, solas, aguardente, milho, e outros.

A população do Estado dobrou, no período de 1900 a 1916 e isto se deve, em parte, à imigração européia, notadamente a alemã que, sem dúvida, refletiu na industrialização de certas áreas do Estado 44.

Quanto aos mercados externos, pode constatar-se que sofreram modificações, reflexos da conjuntura internacional. Desde o século XIX o mercado platino foi o que mais importou os produtos catarinenses. Porém, nos anos que antecederam a primeira Guerra Mundial, a Alemanha passou a predominar, ficando a Argentina em segundo plano, seguida da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Uruguai. Nos anos de 1908 a 1910, a Alemanha importou 50 % das exportações catarinenses 45. Nos anos de guerra e pós-guerra, voltou a predominar o mercado platino' sendo que, em 1915, predominou o Uruguai, seguido do Chile e Argentina e, no ano seguinte, a Argentina voltou ao primeiro lugar, seguida do Uruguai, e pelo Chile, que seguiam produtos para os Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda e Alemanha 46. Nos anos do pós-guerra a Argentina continuou prevalecendo, porém a Alemanha recuperou bastante sua posição, ficando em segundo lugar nos anos de 1919 - 20, e em quarto lugar nos anos de 1921 - 22. Os outros importadores foram o Uruguai, o Chile, a França, Portugal, Grécia, Estados Unidos e Itália 46.

Quanto aos mercados internos não ocorreram modificações, permanecendo o Rio de Janeiro como o maior importador, seguido dos Estados sulinos, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. O Rio de Janeiro,

importou geralmente, 50 % das exportações catarinenses, constituindo assim o mercado para onde divergiam as exportações catarinenses.

No que se refere aos portos, a situação continuou praticamente a mesma do final do século XIX. No período de 1905 a 1908, o porto de Florianópolis apresentou maior movimento, seguido dos portos de São Francisco, Itajaí e Laguna. 47. O mesmo ocorreu no período de 1908-10, no qual, Florianópolis como centro administrativo manteve o maior movimento, acentuado principalmente pelas importações nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial 48. Nos anos de guerra, entretanto, os portos de Laguna, São Francisco e Itajaí superaram o movimento do porto de Florianópolis, refletindo a queda das importações e o aumento das exportações.

NOTAS DE RODAPÉ

37. FICKER, C. *História de Joinville; subsídios para a crônica da Colônia Dna. Francisca*. 2ª. ed. Joinville, 1965, p. 219.

38. Ibid.

39. Ibid.

40. MATTOS, p. 94.

41. SANTA CATARINA, Rocha 1888, p. 313. Referências aos distritos de colonização italiana de Brusque, Porto Franco, Cedro e Nova Trento, cujas principais atividades consistia em tirar madeiras para serrar, dando pouca atenção à agricultura. E graças a esta ocupação proliferaram engenhos de serrar por toda a região litorânea.

42. SANTA CATARINA, Rocha, 1887, p. 322.

43. PIRES, A. N., Mapa Geral da Exportação realizada durante os anos de 1892 a 1906. Florianópolis, Gutenberg, 1908, p. 1.

44. SANTA CATARINA (Estado). Governador (Ramos). Mensagem ao Congresso Representativo Estadual. Florianópolis "O Dia", 1911. p. 77.

45. SANTA CATARINA (Estado) Governador 1914 - 1918 (Schmidt). Mensagem ao Congresso Representativo Estadual. Florianópolis, "O Dia", 1916. p. 10,

a) 46. SANTA CATARINA (Estado) Governador, 1918-20 a 1922-24 (Luz). Mensagem ao Governador Hercílio Pedro da Luz ao Congresso Representativo Estadual. Florianópolis, "O Dia", 1920, p. 55

b) SANTA CATARINA (Estado) Governador, 1920-22 (Horn). Mensagem do Governador Raulino J. A. Horn ao Congresso Representativo Estadual. Florianópolis, 1922. p. 71

c) SANTA CATARINA (Estado) Governador, 1918-20 e 1922-24 (Luz). Mensagem do Governador Hercílio P. Luz ao Congresso Representativo Estadual. Florianópolis, "O Dia" 1923. p. 66.

47. EXPORTAÇÕES de Santa Catarina. *Arquivo Catharinense* Rio de Janeiro, I (1): 11, Jul. 1908.

48. LIGEIRO retrospecto sobre o comércio do Vale do Itajaí em 1909. *Novidades*, Itajaí, 6 (314): 9, mar. 1910.

(Continua no próximo número)

A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

Marcos tinha por costume fazer muitos cigarros, para, segundo o costume, poder oferecer quando aparecia uma visita. Havia uma razão para isto. Quando se visitava uma casa, o milho em geral estava empilhado a um canto. Naturalmente junto à pilha um monte de palhas e sobre as palhas os cachorros dormiam a bom sono. O dono da casa enxotava os cachorros e com a máxima sem-cerimônia pegava uma palha, picava o fumo, enrolava um cigarro e oferecia ao visitante. E aí de quem se negasse a aceitá-lo, por escrúpulo daquela falta de higiene. Era considerado inimigo. Marcos fazia então a permuta no bolso e fumava um dos seus e se o dono da casa, por acaso aparecesse em sua casa, oferecia o cigarro que lhe fora ofertado gentilmente. Ali, em face dos jagunços, puxou do embornal e retirando os cigarros que fizera para si distribuiu-os entre os homens. Essa franqueza era sinal de amizade.

Satisfeitos, acenderam os cigarros e com um — Obrigado, patrão! retiraram-se. As mulheres se aproximaram da carroça. Magda deu o que tinha de provisões e elas foram comendo e cuspidando aquilo de que não gostavam.

Magda distribuía praticamente tudo o que havia na dispensa, quando um jagunço apresentou-se, ela ia dizer que nada mais tinha a oferecer, mas ele atalhou:

— Vosmicê não tem um rumedo pra curá xurilio (disenteria) que deu numa criança. A princípio seu olhar era fixo, ao cabo de pouco aqueles olhos pareciam rolar nas órbitas. Marcos passou-lhe um remédio homeopático com a respectiva posologia...

— Obrigado, amigo! Algum dia lhe pagarei essa bondade. Deu volta ao cavalo e levou o remédio a uma infeliz mulher em cujos olhos secara a fonte das lágrimas, acolheu a mezinha com um olhar fulgurante de esperança.

Entretanto, passoca e revirado que Marcos trouxera e distribuía foi devorado com sofreguidão por mulheres e crianças, acompanhado de goles de água fornecidos por uma guampa... Guampa era um chifre de alentado tamanho, beneficiado, que quase todo viajante trazia a tira-colo ou dentro da bruaca do luar. Servia para carregar água nas regiões pobres deste líquido. Certos caçadores tinham gravado em alto-relevo o nome e a data do beneficiamento da guampa. Outroo tinham-na guarnecido com chapas contendo arabescos de prata. Havia-as também menores com bocal sonoro. Usavam-na nos casos de caçadores perdidos ou para chamar os cachorros.

Os homens haviam pedido alimento para as mulheres e viram-nas comer com bom apetite, todavia, mantiveram-se à distância sem tocar em nada. Seu palpite era outro como veremos a seguir.

CAPÍTULO III

Nestes tempos mansos os jagunços ainda respeitavam os viajores, especialmente quando acompanhados pelo profeta. Contudo, como afirmara Elisa, já se falava em atrocidades praticadas por eles em outras regiões. Talvez por estar o bando acompanhado do profeta foi ele poupado e não perdeu tudo o que trazia. Conforme se ouvia dizer eles os jagunços não queriam mal a ninguém. Com o passar dos anos tornar-se-iam perigosos e do que foram capazes essas páginas falarão à farta. Estas paragens veriam crimes inomináveis praticados pelos seguidores do profeta.

Um jovem jagunço, arriado sobre o lombilho de sua cavalgadura, com as mãos cruzadas sobre as rédeas apoiadas no arção do lombilho não despregava o olhar da bela juvenzinha que auxiliava a mãe na distribuição da comida. Em certo momento seus olhares se cruzaram. Ele parecia fascinado. Percebendo-se observada, Elisa continuou a auxiliar a mãe, todavia não apareceu mais a descoberto, permaneceu sob a tolda da carroça. Tolda que ora protegia os viajantes do calor intenso ou da chuva nos súbitos torós. O jovem jagunço tentou ainda uma vez ver o rosto sedutor da menina que o enfeitara e ora embriagava, porém, Elisa não mais lhe apareceu. Os jagunços partiram.

Uma ferida se abrira no coração de Nestor Costa. Cupido varara-lhe o coração com cálida seta, assim vulnerado jamais deixaria de amar. O moço seguiu o bando. Já não lhe interessavam as rezas e prédicas do profeta e muito menos as tropelias de seus companheiros. Sempre que podia afastava-se do bando, dos companheiros, curtindo a dorida saudade. Sabia o perigo que corria. Sabia também como agir na hora certa. Aquele formoso rosto, aqueles olhos de menina-moça o prenderam e jamais se afastaram de sua mente. Surpreendia-se murmurando frases convictas que lhe ditava o coração apaixonado. Gostava de sonhar com os olhos abertos. Diante de si surgia então a beleza peregrina da linda cabocla com todo fascínio arrebatador. O sangue fervia-lhe quente nas veias e lá no íntimo uma vozinha lhe segredava baixinho: — Você é um fora da lei. Uma revolta íntima dominava então o seu ser. Amaldiçoava a vida incômoda que levava, sem encontrar uma saída. Pensou em raptar a menina. Os pais costumavam guardar muito bem as filhas e o rapto seria de difícil execução. Lançava fora essa idéia, achava a menina digna de melhor sorte, passava os dias a pensar, cismar.

A íntima vozinha, no entanto falava: — Você jamais será digno de semelhante criatura, seus pais nunca consentirão e jamais permitirão tal casamento, ainda mais que é a única filha. Uma angústia inflava-lhe o peito e suspirava. Uma onda de desânimo percorria-lhe as fibras da alma. Lá no âmago chorava uma saudade. Uma mágoa perturbava-lhe o ser. A dor teimava em despedaçá-lo. Desprezava agora a vida nômade de jagunço com suas tropelias desvairadas, suas ameaças por parte da polícia, com seus perigos e fome. Ponderando tudo, concluía pela impossibilidade de desposá-la. Punha então em jogo todas as fibras do coração, tentando esquecê-la. E perguntava: — Porque fui me encontrar com tal formosura? Por que o destino me jogou esta mulher no caminho? Por que se cruzaram nossos olhares? E falava aos ermos: Por que me torturas, imagem querida? De que escrínio saíste, jóia rara? Que ninfa te

gerou, graciosa donzela? Ao fazer essas perguntas ela estava presente com todo o seu encanto, mas ao querer vê-la de verdade, sumia. — Luz — cintilava por um instante. Chama — se extinguia. Sonho — evolava-se nos ares. E ele contemplava, por instantes, em espirito aquela visão efêmera, que por momentos parecia acalentá-lo, para depois sumir-se, esvair-se como meteoro em plena noite. Seguiram-se dias de agonia, noites sem sono.

Um dia surgiu-lhe uma idéia brilhante que foi tomando corpo. Examinou detidamente o seu plano. Sabia o perigo que corria, se fosse descoberto. Estudou as possíveis represálias dos companheiros de tropelias, mesmo assim decidiu-se. Dera campo à esperança. Seja o que Deus quiser; disse e certa noite, enquanto o bando dormia, deixou o acampamento, montou a cavalo e partiu para nunca mais, isto é, disse adeus à vida nômade.

Seus companheiros não deram logo pela falta, pois na manhã seguinte foram convocados pelo chefe para roubarem uma roça que alguns do bando haviam descoberto na véspera.

x x x

Marcos prosseguiu viagem. Atrás vinham os homens tangendo o gado e muito mais distante a carroça carregada de porcos e bacorinhos. Magda apreensiva com o acontecido, olhava o marido que silencioso guiava os cavalos. De vez em quando passava a mão pela vasta cabeleira, sinal de que estava preocupado. Ficou a observá-lo por largos instantes e depois falou-lhe:

— Que pensa, mecê, de tudo isto?

— Que hei de pensar. Hoje não nos fizeram mal. Soubemos mantê-los à distância, talvez no dia de sua sanha de vingança nos poupem. Desses rudes corações só se pode esperar que se lembrem de algum benefício recebido. Seus rostos selvagens, seus olhares ferozes, nada pressagiam de bom. Com seus roubos e rebardarias incessantes a polícia vai entrar em ação. Então aos resquícios de bom senso que existira cederão à vingança e às crueldades o seu quinhão.

Secundando as palavras do marido Magda falou:

— Acho que essa gente bravia, enfurecida pelos maus tratos da parte dos prejudicados, somada à caça da polícia que já lhes anda ao encalço, será tremenda em sua sanha de vingadora.

— Talvez sim, talvez não. Em todo coração amargurado há sempre uma réstea de luz, um feixe de piedade. Acendendo-se a luz, abre-se o feixe de misericórdia à lembrança de um favor recebido, de um obséquio... Esperemos o melhor.

— Vamos esperar que assim seja. Aqueles caras não enganam quanto ao que pretendem. Queira Deus que escapemos aos seus assaltos e chacinas. Quase teria sido aconselhado que permanecêssemos em Lucena...

Ao que atalhou Marcos:

— Lá também os moradores não estão escapos de suas tropelias. Tião Bento corre todo o sertão. Quantas vezes já estive lá. Nada fez

de mal até agora às pessoas, mas suas roubalheiras se fizeram sentir. Por outro lado nunca fui dado a violências, se pratico o bem para eles que posso esperar?

— Às mais das vezes bordoadas, pois é com ingratidões e injustiças que geralmente se pagam as boas ações.

— Admitamos que seja diferente do que pensas... Ouviu-se ao longe o galope de um cavalo que se aproximava rapidamente.

— Seu Marcos, bradou de longe o cavaleiro, o bando de ciganos matou a mais gorda vaca da tropa e o chefe mandou que não falássemos. Como estivessem de arma em punho nada pudemos fazer. Atiraram-se famintos sobre o animal atirado, sangraram-no e recolhendo o sangue em guampas beberam-no. Esfolaram o animal e neste tempo permitiram que seguissemos. Sob as armas apontadas viemos vindo, até que fora do alcance de suas balas pude me adiantar e para lhe trazer a notícia. A estas horas devem estar provando o churrasco. Que quer que se faça. Arranjar uns homens para mandá-los ao outro mundo?

— Deus nos livre disso, externou-se Marcos. Cair por cima deles seria atrair a vingança de outros bandos, que andam à solta por este mundo de Deus. Em pouco tempo, em campo aberto, nas tocaias em que são mestres porque conhecedores da região, em pouco tempo dariam cabo de mim e de minha família. Melhor é perder uma vaca, mesmo que seja a mais gorda do rebanho, do que cometer um assassinio e depois ser perseguido a vida inteira. Deixe como está e volta para seus companheiros.

— Tempos tristes estão por vir e não sabemos como vai terminar esta calamidade que ora se avizinha, interveio Magda.

— Não fiques agora a ruminar possíveis ataques. Eles nos poderiam ter roubado tudo, no entanto só pediram alimento para as mulheres e crianças. Verdade é que mataram a vaca, um prejuízo sem satisfação da parte deles.

— Magda calou-se, sentiu demais a perda da vaca de estimação. Nada podia fazer para remediar o mal. Sabia que o marido não era de voltar atrás. O futuro, se bem que desencorajador, mister se fazia de enfrentá-lo com a coragem de sempre.

Tonico, que trouxera a nova, voltara para junto dos outros peões que amedrontados vinham tangendo o gado.

Aos solavancos as rodas iam cortando o grosso pó da estrada tiradas ao passo cadenciado dos gordos cavalos tordilhos.

Pássaros cantavam, pipilavam, nos ramos à beira da estrada. Lá pelas serras ouvia-se o berrar dos tucanos nas bagueiras. As vezes Marcos descia da carroça para cortar malhas de taquaras ou de carás caídos sobre a estrada. Outras vezes descobria sepulturas frescas encimadas de uma tosca cruz. Benzia-se e continuava o seu caminho.

Fora disso, tudo eram rumores naquela solidão de fim do mundo.

(Continua no próximo número)

ÍNDICE DO TOMO XVI

	Página
Agradecimento	1
Manoel Rodrigues — Mandú-Assú — Dos Alfarrábios de J. Mendes da Costa Rodrigues	2
Política Imigratória no Brasil Regência — George P. Browne	3
As Enchentes no Vale do Itajaí — J. Ferreira da Silva	15
Ato Que Criou o Distrito de Paz de Blumenau — Documento	25
Academia de Letras — Comunicado	26
Um Relance sobre a História de Joinville — Redação	26
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	27
Centenário da Colonização Italiana — Redação	29
A Sentinela de Ferro — Victor Lucas	30
Quem foi o Monge Maria de Agostinis — Juvenal B. da Silveira	33
Ana Francisca da Costa Rodrigues — Dos Alfarrábios de J. Mendes da Costa Rodrigues	35
Quem era Peter Christian Feddersen? — Harry Zuege	37
Aculturação Linguística — George P. Browne	41
As Enchentes do Vale do Itajaí — J. Ferreira da Silva	45
Um Jubileu — Redação	57
Fontes Históricas da Colonização Italiana — Pe. Victor Vicenzi	58
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	86
Cem Anos de Imigração Italiana — Victor Lucas	89
Cangaceiros e Fanáticos — C. Gaertner	93
Homenagem a Blumenau — Rodolfo Eugênio Hildebrand	96
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	97
Achegas à Administração Major João Detsi — Guilherme Strecker	102
Aconteceu em Brusque há 50 Anos — Ayres Gevaerd	106
A Modernização e as Elites Emergentes — Walter F. Piazza	109
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	119
Blumenau Através de seus Filhos	120
A Escola São Paulo — Redação	120
O Sertanejo e o Problema do Fogo — C. Gaertner	121
A Modernização e as Elites Emergentes — Walter F. Piazza	123
Aconteceu em Brusque há 100 Anos — Ayres Gevaerd	133
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	135
Bibliografia em Língua Alemã — Aloma Sutter	139
Carta da Alemanha — Dr. Herbert Koch	149
Museu da Família Colonial — Redação	153
Antônio Francisco de Carvalho — Dos Alfarrábios de J. Mendes da Costa Rodrigues	154

	Página
O Responso — C. Gaertner	155
A Modernização e as Elites Emergentes — Walter F. Piazza	157
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	167
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	170
Bibliografia em Língua Alemã — Aloma Sutter	173
Centenário da Imigração Italiana — Redação	181
Fundação da Cidade de Rodeio — Transcrição	182
A Modernização e as Elites Emergentes — Walter F. Piazza	184
Fim de Baile — C. Gaertner	199
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	202
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	204
Bibliografia em Língua Alemã — Aloma Sutter	206
Os Primeiros Anos de Colonização Italiana — Ayres Gevaerd	213
Um Convite à Meditação — Nestor Seara Heusi	231
Carta de Naturalização de Fritz Müller — Redação	232
Culto a São Sebastião — C. Gaertner	233
Frio Rigoroso — Redação	234
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	235
A História — Guilherme Strecker	237
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	239
Frei Francisco de São Carlos — Dos Alfarrábios de J. Mendes da Costa Rodrigues	241
Bibliografia em Língua Alemã — Aloma Sutter	242
O Visconde de Taunay — Redação	248
Nos 125 Anos de Blumenau — Redação	249
A Companhia Salinger — Walter F. Piazza	252
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	257
Memórias da Revolução de 1924 — Clemente José Schmitt	259
Aniversário de Blumenau — Redação	278
Gente com História — A. Seixas Netto	279
Assuntos Lagunenses — Oswaldo R. Cabral	281
1º Congresso de História — Redação	286
A Falsa Estátua de Francisco Dias Velho — Edison Müller	287
Francisco Frankenberger — Victor Lucas	292
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	296
A Ação Colonizadora de Luiz Bertoli — Walter F. Piazza	297
O Trabalho dos Franciscanos — Oswaldo Furlan	305
Aspectos da Economia Catarinense — Rosemarí Pozzi Eduardo Griggs	310
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	314
A Nova Diocese — Redação	320

	Página
Calamidade se abate sobre Blumenau — Redação	320
Assuntos Lagunenses II — Oswaldo R. Cabral	321
Sociedade Amigos de Brusque	324
Os "França" de Laguna — Lucas A. Boiteux	325
Geocologia Atmosférica — A. Seixas Netto	328
Musikkapelle "Lyra"	330
A Ação Colonizadora de Luiz Bertoli — Walter F. Piazza	331
Tricentenário da Província Franciscana — Alvaro Correia	339
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	344
A Colonização Alemã no Vale do Itajaí Mirim — Afonso Imhof	346
Brusque no Contexto da Revolução de 1930 — Guilherme Strecker	348
Aspectos da Economia Catarinense — Rosemari Pozzi Eduardo Griggs	351
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	355
Assuntos Lagunenses — Oswaldo R. Cabral	361
Vultos do Comércio do Desterro — Ernesto Stodieck Jnr.	363
O Nosso Dever — Redação	365
Figuras do Passado	366
As Enchentes no Vale do Itajaí — A. Seixas Netto	369
Martinho Bugreiro (clichê)	380
Aspectos da Economia Catarinense nos Séculos XVIII e XIX — Rosemari P. Eduardo Griggs	381
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	385
Índice do Tomo XVI	389

ARTEX S. A. Promove Exposição

O concurso de Artes Plásticas, Artesanato e Fotografia criado pela Artex S. A., Fábrica de Artefatos Têxteis, para os seus empregados e colaboradores, surtiu o primeiro efeito, com a exposição realizada no dia 21 de novembro.

Vários trabalhos foram expostos no Auditório da Artex, tendo comparecido grande número de pessoas, que admiraram os excelentes trabalhos apresentados.

Os cinco melhores trabalhos foram premiados, embora tenha sido difícil a tarefa da Comissão Julgadora, face o grande poder de criatividade, demonstrado pelos diversos participantes ao Concurso.

Parabenizamos-nos com os mentores do Concurso e desejamos, continue a Artex S. A. incentivando os afeiçoados na arte, para que demonstrem o poder de criatividade de cada um.

Relação das obras editadas pela
Fundação “Casa Dr. Blumenau”
e
“Blumenau em Cadernos”

- Charles Van Lede e a Colonização Belga em Santa Catarina*
CARLOS FICKER
- Sentido Catarinense e Brasileiro de Fritz Müller*
EVALDO PAULI
- O Esquecido Tradutor de Um Livro Raro*
Prof. OSWALDO R. CABRAL
- Atos constitucionais da Fundação “Casa Dr. Blumenau”*
Otaviano Ramos — J. FERREIRA DA SILVA
- Ligeiro Histórico e Catálogo do Museu da Família Colonial*
Revivendo o Irmão Joaquim — Prof. OSWALDO R. CABRAL
- A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina*
ELZEÁRIO SCHMITT C. F. M.
- As Terras no Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond*
J. FERREIRA DA SILVA
- Blumenau na História Militar Brasileira*
Tnte. Cel. HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN
- Blumenau e a Revolução de 1893 — JOSÉ DEEKE*
- Indígenas do Vale do Itajaí — JOSÉ DEEKE*
- As Enchentes no Vale do Itajaí — J. FERREIRA DA SILVA*
- Os Pecados Imortais (Poesias) — GERALDO LUZ*
- A “Modernização” e as Elites Emergentes: A Contribuição Alemã*
WALTER F. PIAZZA.
- História de Rio dos Cedros — Pe. VICTOR VICENZI*
- NO PRELO
- As Enchentes no Vale do Itajaí — A. SEIXAS NETTO*
- Assuntos Lagunenses — OSWALDO R. CABRAL*
- Pequena História da Colonização de Blumenau*
PAULO MALTA FERRAZ

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
O Mensário "O LEITOR"
Tipografia e Encadernação
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —
Isolde Hering d' Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*



TOALHAS ARTEX

a moda em toalha